



A LIBERTAÇÃO ANIMAL NA OBRA DE MARIA LACERDA DE MOURA

Patrícia Lessa
Universidade Estadual de Maringá, Brasil
patricialessa13@gmail.com

RESUMO

Maria Lacerda de Moura foi uma educadora e intelectual que escreveu sobre as mulheres e sobre as pessoas não humanas a partir dos pressupostos libertários. Nesse artigo buscamos entender suas posições e sua relação com essas lutas, a partir da análise da sua obra *Civilização Tronco de Escravos*, publicada em 1931 e da obra *Amai e ... não vos multipliqueis*, publicada em 1932.

Palavras-chave: Maria Lacerda de Moura. Vegetarianismo. Antivivisseccionismo.

LA LIBERTACIÓN ANIMAL EN LA OBRA DE MARIA LACERDA DE MOURA

RESUMEN

Maria Lacerda de Moura fue una educadora e intelectual que escribió sobre las mujeres y sobre las personas no humanas a partir de los presupuestos libertarios. En éste artículo buscamos entender sus posiciones y su relación con estas luchas, a partir del análisis de su obra *Civilização Tronco de Escravos*, publicada en 1931 y de la obra *Amai e ... não vos multipliqueis*, publicada en 1932.

Palabras clave: Maria Lacerda de Moura. Vegetarianismo. Antivivisseccionismo.

ANIMAL LIBERATION IN THE WORK OF MARIA LACERDA DE MOURA

ABSTRACT

Maria Lacerda de Moura was an educator and intellectual who wrote about women and non-human people based on libertarian assumptions. In this article we seek to understand their positions and their relationship with these struggles, based on the analysis of their work *Civilização Tronco de Escravos*, published in 1931 and the work *Amai e ... não vos multipliqueis*, published in 1932.

Keywords: Maria Lacerda de Moura. Vegetarianism. Antivivisectionism.

LA LIBERATION ANIMAL DANS L'OEUVRE DE MARIA LACERDA DE MOURA

RÉSUMÉ

Maria Lacerda de Moura a été une éducatrice et intellectuelle qui a écrit sur les femmes et sur les personnes non humaines à partir des postulats libertaires. Dans cet article nous cherchons de comprendre ses positions et sa relation avec ces luttes d'après une analyse de son oeuvre *Civilização Tronco de Escravos*, (*Civilisation Tronco d'Esclaves*), publiée en 1931 et de l'oeuvre *Amai e ... não vos multipliqueis*, (*Aimez-vous et ... ne vous multipliez pas*), publiée en 1932.



Mots-clés: Maria Lacerda de Moura. Végétarismo. Anti-viviseccionismo.

“No primeiro feriado após a chegada de Red Bull, houve um grande estrondo no local durante a madrugada... BOOOOM!!! Quem estava dormindo acordou! Quem estava chorando engoliu o pranto! Um grupo de onças estourou o cativeiro sob o comando de Dona Onça Pintada. Não ficara um só algoz... Tamanho medo, todos que puderam correram em fuga. Um casal de urubus sinalizava do telhado que o campo estava aberto. ‘Aquela era a primeira noite do resto de nossas vidas’, pensava Red Bull. Uma fila infinita de bezerrinhos e bezerrinhas seguia os passos firmes de Dona Onça e de seus 12 filhotes”.

(Patrícia Lessa dos Santos)

A citação acima foi retirada do livro *O Resgate do Touro Vermelho* (2021), meu primeiro livro sobre libertação animal para crianças, nele uso o recurso de humanização do bicho para pensar a necessária derrubada dos cativeiros. O livro, publicado pela Editora Luas, foi um desafio libertário, à medida que, a perspectiva antiespecista¹ ainda não é abraçada pela maioria dos grupos anarquistas, embora haja uma história de luta pela libertação animal que se arrasta ao longo dos séculos. Ao procurar algumas editoras anarquistas para a publicação de uma obra sobre libertação animal vi uma porta após a outra fechar-se. Minha intenção era, desde o início, interseccionalizar a discussão sobre o especismo e outros debates necessários travados ao longo da história pelo movimento anarquista. Desde o princípio eu não queria que fosse mais um livro para crianças publicado pelas editoras especializadas em livros infanto-juvenis. Por fim, foi no seio de uma editora feminista que o projeto foi gestado. Desde Maria Lacerda de Moura vemos a empatia com as outras espécies entre as anarcofeministas, como por exemplo, Luce Fabbri: “Temos que ser antiautoritários também com os animais” (RAGO, 2001, p. 39). A libertação humana é possível sem a libertação não humana? Foi uma questão que emergiu no processo de publicação deste livro. Alguns questionamentos surgiram.

¹ Por antiespecismo se entende o movimento em defesa das outras espécies e contra a visão de que a espécie humana é superior. A diferença e hierarquia entre a espécie humana sobre as demais espécies justifica a caça, o cativeiro, a morte, a tortura etc. para justificar que as outras espécies sejam transformadas em produtos para o consumo humano (DOMINICK, 2019; MOTA, SANTOS, 2020; LESSA, 2020).



É possível pensar na libertação humana sem trabalhar arduamente pela libertação das outras espécies e romper a barreira especista? Até que ponto os grupos anarquistas estão percebendo as conexões entre a pandemia da Covid-19, o capitalismo, o extermínio da biodiversidade e a matança das outras espécies em escala industrial? Muitos livros já abordam o tema, Wallace (2020) reuniu um rico material documental para mostrar as conexões da pandemia com o agronegócio, ele foi demonstrando as várias doenças criadas nos cativeiros de morte em escala industrializada. Ribeiro (2020) escreveu sobre como a libertação humana, animal e a questão da luta pela terra estão sendo estudadas, pensadas e praticadas, em certa medida, pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. Dominick (2019) cunhou o termo veganarquismo para abordar práticas de libertação animal que estão acontecendo em vários locais do mundo. Não há, os três autores, como pensar em atuar contra o capitalismo sem questionar a apropriação ilícita e lícita de grandes extensões de terra para produção de soja e outros grãos transgênicos criados para alimentar a fauna confinada nas grandes ou nas megafazendas de sangue e de dólar. Para que uma grande ou mega fazenda exista a fauna e a flora foram dizimadas, muitas pessoas foram expulsas, inclusive exterminadas para que o projeto aconteça. A libertação das outras espécies já era uma luta anarquista desde o século XIX e, hoje, com o veganismo e o antiespecismo está mais forte e intersseccionalizando as questões libertárias, com os debates sobre o sexismo, o classismo, o racismo, o etarismo, o especismo dentre outros.

Pensar as pessoas não humanas na obra de Maria Lacerda de Moura implica escrever/falar sobre a luta antiespecista que lemos em suas narrativas pró vida. Como historiadora que vive no centro de um furacão onde a revolução animal, é também, escutada como um grito agonizante de Pachamama vou revisitar a obra da escritora mineira utilizando alguns conceitos do século XXI. Especismo é uma terminologia que foi criada na segunda metade do século XX. A educadora mineira, Maria Lacerda de Moura nasceu em 1887 e faleceu em 1945, portanto, o termo especismo é posterior a sua obra, embora seja possível inferir hoje, que suas palavras ressoam como antiespecistas. Utilizamos como um conceito articulador que possibilita pensar a diferença criada pelos seres humanos para desqualificar as outras espécies entendidas como inferiores e, com isso, serve para justificar a captura, a prisão em cativeiros, o extermínio em massa, a tortura, a morte através da caça pseudodesportiva, e sobretudo, da utilização de seus corpos e de seu sangue para a alimentação, para uso na indústria farmacoquímica, uso de suas pelagens para o vestuário e muitos outros produtos



expropriados da vida das pessoas não humanas. Sugere-se que Richard Ryder tenha cunhado o termo especismo em 1970.

Usamos o termo pessoa não humana que lemos no livro *A vida dos animais*, de J. M. Coetzee (2002), nele a primatóloga Barbara Smuts convidou as pessoas humanas a “abrirem o coração para os animais à sua volta e descobrir por si mesmos como é fazer amizade com uma pessoa não humana” (SMUTS, 2002, p. 145). Vamos utilizar a expressão de Barbara Smuts para abordar as outras espécies que à época, assim como as mulheres, foram usadas como cobaias pela ciência.

O termo pessoa no dicionário *Michaelis online* (2021) considera a “criatura humana”, um “ser eminente ou importante”, com “caráter peculiar que dá distinção a alguém”. E vai além, na narrativa cristã ser uma pessoa significa estar consciente de sua liberdade e responsabilidade, que são determinadas pela dimensão moral e espiritual. Já na gramática indica alguém que participa de um discurso. Utilizar pessoa para os animais não humanos significa transgredir um discurso criado pelo humano especista, que desconsidera todas as outras formas de vida, ou considera inferior, portanto, passível de exploração.

Os séculos XX e XXI estão marcados pela luta vegana, ecofeminista e ecológica. Muitas e diferentes vozes se erguem pelas pessoas não humanas. Uma delas é a escritora polonesa Olga Tokarczuk, que ganhou o Prêmio Nobel de Literatura ao publicar o romance *Sobre os ossos dos mortos* (2009). Na obra ela escreveu: “Tristeza, senti uma grande tristeza, e um luto interminável por cada animal morto. Termina um luto e logo começa outro, então estou em constante luto. É meu estado natural. Me ajoelhei sobre a neve ensanguentada e acariciei a pelagem áspera, fria e rija do javali” (TOKARCZUK, 2019, p. 98).

O romance gira em torno da caça de animais silvestres e nos surpreende pelo refinamento da linguagem e pela presença de um tom de mistério que nos deixa com vontade de lutar pelos animais ao lado da protagonista Janina Dusheiko. A caça predatória está, juntamente com a questão do uso de pessoas não humanas nos testes científicos, na produção de morte em escala industrializada para fabricação de carne, no comércio e na venda de “animais de estimação” dentre outros usos dos corpos, no centro de um debate contemporâneo sobre as nossas relações com a vida planetária, com as outras espécies e com o meio no qual vivemos. Os temas ampliaram desde os textos das feministas dos séculos XIX e XX que escreveram sobre as pessoas não humanas. Foi no contexto que Maria Lacerda de Moura escreveu sobre a vivissecção e o vegetarianismo.



Maria Lacerda de Moura foi uma mulher que exerceu grande influência no pensamento feminista, social e de esquerda no Brasil nas primeiras décadas do século XX. Ela nasceu em 1887 em Manhuaçu, Minas Gerais e, aos quatro anos de idade mudou-se com seus pais para Barbacena, onde, mais tarde, se formou como normalista e exerceu a docência. Teria sido mais uma dentre muitas professoras mineiras conhecidas por sua dedicação à família, à escola e aos alunos, não fosse o deslocamento radical feito por ela em sua vida e em seu pensamento. No início dos anos de 1920 mudou-se para São Paulo e separou-se do marido, local onde iniciou a luta pela emancipação feminina, ao lado de Bertha Lutz, de quem logo se distanciou. Em São Paulo ela passou a fazer parte de alguns círculos de intelectuais. Já no final daquela década, ficou mais próxima dos anarquistas e passou a denunciar em seus escritos o autoritarismo do Estado e da Igreja, o avanço de ideais fascistas, a tendência à militarização do Estado e o serviço militar obrigatório para homens e mulheres, tornando-se grande inspiradora dos movimentos antifascistas no Brasil. Assim, ela se tornou conhecida pelos seus livros, seus artigos para jornais e suas conferências, que fizeram dela uma das vozes mais peculiares do feminismo² naquele momento histórico.

No início do século XX o mundo estava em alvoroço, diante de uma industrialização mecanizada, com uma produção de armamentos em alta, fruto da parceria ciência-indústria-Estado, e, com o avanço do nazifascismo, cresciam os abismos entre etnias-raças, gêneros e classes sociais. Essas forças destrutivas geraram uma forte reação anarquista polarizando o mundo. Dentre os grupos de mulheres socialistas, anarquistas e sufragistas surgiu o movimento feminista, que trazia consigo diferentes perspectivas e pautas. As questões das mulheres eram agregadas às lutas de classe, de raça e, um pouco menos debatidas, as lutas antiespecistas. Como já escrevemos, por especismo se entende a diferença que se faz por espécie, ou seja, a espécie humana se autoproclamando superior às demais e, em função disso, se considerando no direito de explorar, escravizar e dizimar as demais espécies, por ela consideradas inferiores.

No século XXI o debate ampliou-se, sobretudo com o veganismo³ e com a adoção dos termos animal humano e animal não humano para ampliar a visão de que participamos também,

² Algumas escritoras libertárias, no início do século XX, preferiam não utilizar o termo feminismo por associar com a luta sufragista e considerar que ela não atingia as mulheres operárias e das classes menos favorecidas. Maria Lacerda de Moura foi uma delas, rompeu com Bertha Lutz e as sufragistas, porém, hoje entendemos que seus escritos sobre libertação das mulheres e reivindicação de direitos ao trabalho e ao estudo para as mulheres, dentre outros temas afins, nos possibilita pensá-la no quadro da epistemologia e da história feminista. Para aprofundar indico o livro *Amor & Libertação em Maria Lacerda de Moura* (2020).

³ Veganismo é um ativismo social em defesa da vida das outras espécies animais. O termo veganismo foi utilizado pela primeira vez em 1944 no Reino Unido quando foi criada a *Vegan Society*. É uma prática social que está muito além da alimentação (não se alimentar de produtos derivados de animais, como por exemplo, o cuidado em substituir as cápsulas de medicamentos homeopáticos por cápsulas de algas ao invés de gelatina, que é de origem



do reino animal, ressalvadas as diferenças entre as espécies. Mas foi ainda no século XIX que muitas feministas começaram a se assumir vegetarianas, sobretudo em função do combate à vivissecção⁴, que estava em alta com o darwinismo e os avanços das ciências médicas. Em Pitágoras já se propunha a dieta vegetariana. Ao longo da história humana e nas diferentes geografias o vegetarianismo é, desde há muito tempo, uma prática conhecida. Porém, um movimento de repercussão internacional pode ser percebido entre as feministas e grupos anarquistas do século XIX como veremos. No Brasil, Maria Lacerda de Moura foi uma das feministas que aderiu à luta antiespecista, passando a denunciar em seus escritos também a vivissecção e os experimentos com animais.

Não foi por acaso que o final do século XIX e o início do XX foram marcados pela emergência da voz feminista. Os discursos da medicina e da biologia tentavam comprovar, cientificamente, a inferioridade das mulheres através da ideologia da natureza feminina e da elaboração dos fundamentos científicos da teoria da incapacidade inata delas. As disciplinas em curso eram, especialmente, a obstetrícia, a ginecologia, a biologia, a sociologia, a psicologia e a antropologia, todas empenhadas na elaboração desses fundamentos. Os cientistas, a exemplo de Cesare Lombroso e de Pierre Broca, utilizavam a teoria da incapacidade ou da fragilidade inata para desqualificar as mulheres de sua própria raça e classe e limitá-las ao reduto doméstico, interessante notar que o mesmo argumento não servia para desqualificar as mulheres da classe operária que eram forçadas a trabalhar longas jornadas. Mas as mulheres não aceitaram isto passivamente! Elas foram às ruas e construíram os pilares do movimento feminista internacional.

Foi neste contexto de embates, de guerras, de misérias e de luxos, que Maria Lacerda e outras feministas da época travaram batalhas pelos direitos das mulheres. Muitas e diferentes foram as frentes de luta: as sufragistas, as libertárias, as comunistas criaram as bases e levantaram os pilares para a chegada da crítica feminista. Muitas delas tornaram-se vegetarianas por empatia às outras espécies e por entenderem que as mesmas estavam sendo massacradas pelo avanço científico e industrial e pelos modismos da caça, dita esportiva.

animal). As pessoas veganas procuram não utilizar roupas e acessórios feitos com produto de origem animal, além disso, graças a luta vegana os produtos livres de testes com animais e produtos veganos possuem selos de identificação (MOTA; SANTOS, 2020; DOMINICK, 2019; LIMA, JESUS, COELHO, 2019).

⁴ É a prática de utilizar um animal vivo na ciência e na indústria. O uso dos animais vivos é, em sua maioria, para realizar testes laboratoriais (testes com drogas, cosméticos, produtos de limpeza, de higiene etc.), nas práticas médicas (treinamento cirúrgico, transplante de órgãos etc.), experimentos de psicologia (privação materna etc.), usam-se animais vivos ainda hoje na ciência e na indústria em grande escala. A palavra vivissecção significa cortar o animal vivo, mas, hoje ela agrega outras manipulações como inclusão de tumor maligno em um organismo saudável, uso de fermentas e métodos de contenção, etc. (LESSA, 2020).



Em dois livros de Maria Lacerda de Moura encontramos a defesa do vegetarianismo relacionado à libertação humana e, sobretudo, à libertação das mulheres. Em *Amai... e não vos multipliqueis* (1932) e em *Civilização: tronco de escravos* (1931) a questão dos animais está relacionada à adoção de uma dieta vegetariana, como também relacionada à luta antivivisseccionista. Sobre a alimentação ela escreveu:

No dia em que a mulher se dispuser a libertar-se do jugo do estômago civilizado, passar a comer frutas e legumes, a apagar o fogo doméstico que é o “fogo eterno” do inferno feminino na sua escravidão ao estômago do homem – nesse dia ela recomeçará a sua auto-educação física e mental e iniciará a sua verdadeira libertação humana. (MOURA, 1932, p. 233)

O estômago civilizado, como foi nomeado por Maria Lacerda, tratava de hábitos alimentares da burguesia europeia, tomados como modelo em outros locais, sobretudo com o consumo de grandes quantidades de carne de animais de criação, além da caça, que era a demonstração máxima da superioridade humana. O estômago civilizado, era, portanto, dependente do extermínio em massa de outras espécies, o que vinha sendo visto com desconfiança por feministas e anarquistas.

O humanismo havia colocado o homem, macho, branco e eurocêntrico no cume da montanha, porém, o seu progresso político, econômico, cultural ou social dependia, em parte, da exploração e da escravização de muitas outras vidas humanas e não humanas. Laura Luedy (2019) escreveu sobre a história do abate industrial, sobre o surgimento dos abatedouros e, aos poucos, a mudança desses centros de matança em massa para locais cada vez mais isolados e escondidos do mundo civilizado. Diz ela:

A literatura que se debruça sobre o caminho histórico que foi traçado pelas mudanças nas técnicas ocidentais de abate de animais costuma sublinhar algumas linhas comuns que se consolidaram nesse respeito. Destaca-se, sobretudo, o progressivo afastamento espacial dos matadouros em relação aos centros populacionais; as mudanças arquitetônicas que priorizaram os espaços fechados e internamente fragmentados; e as incontáveis mudanças técnicas que terminaram por se traduzir em abatedouros com um número muito maior de trabalhadores que exercem funções mais mediadas por instrumentos, saberes, ritmos que não dominam inteiramente. (LUEDY, 2019, p. 76)

A morte em grande escala e a produção serializada foram alguns dos alvos da obra de Maria Lacerda, sobretudo a partir de sua chegada a São Paulo e do encontro com a comunidade



anarquista em Guararema⁵. No livro *Civilização, tronco de escravos* ([1931] 2020), ela associa, de forma brilhante, a ciência e a industrialização a serviço do poder político e econômico. Para ela, havia uma grande contradição na adoção do termo “civilização”, já que os grupos sociais considerados civilizados conjugavam práticas brutais, tais como a caça desportiva e o patriotismo, ambas serviam como bases de sustentação para a venda de armas e levavam às guerras. Outro aspecto relevante é notado em seu debate sobre a produção industrial e o acúmulo de riquezas por uma minoria, graças ao trabalho mal remunerado de uma multidão de trabalhadoras e trabalhadores famintos. Já no início da obra, ela aponta as consequências e diz:

É o excesso de produção, sob todos os aspectos, na lavoura como nas indústrias, causa de todos os conflitos na sociedade atual. O nosso mal não vem da falta e sim do excesso de produção. A miséria do mundo moderno ainda vem da fartura e do excesso de riqueza e de progresso material. Da má distribuição de gêneros alimentícios. Por ora, a terra daria bem para a sua população. (MOURA, [1931] 2020, p. 18)

O acúmulo de riquezas através da produção industrial não resolveu a questão da fome. Muito pelo contrário, agravou as diferenças; o abismo que separa as grandes fortunas da multidão de famintos, discussão presente nas narrativas da feminista mineira, ainda é tema que está em pauta. Com as outras espécies de animais, o carnivorismo engordou os “estômagos civilizados”, porém, não sanou a fome da classe operária, cujo sangue e suor se misturavam nos abatedouros, que gradativamente ficaram mais escondidos, longe dos centros urbanos civilizados e higienizados.

Se os séculos XIX e XX marcaram as lutas das mulheres por direitos, podemos dizer que os séculos XX e XXI viram nascer uma revolução animalista sem precedentes. O avanço nos direitos dos animais coadunou com a expansão do vegetarianismo e, mais recentemente, com a chegada do veganismo. Na obra anarquista *Entre colunas*, do lusitano Roberto das Neves, ele disserta sobre as relações entre o pensamento libertário e o surgimento de uma revolução na medicina, agregando o vegetarianismo e a macrobiótica ao naturismo. Aspectos ligados aos grupos que migravam para a zona rural em busca de uma nova vida, longe da miséria, da proliferação de doenças, da fome e das guerras (NEVES, 1980). Conforme esse autor:

⁵ A Comunidade de Guararema foi fundada pelo anarquista Arturo Campagnoli e sua peculiaridade era a formação composta por anarquistas individualistas, sobretudo, próximos das ideias de E. Armand e de Han Ryner. Segundo Rodrigues (1993, p. 82) ao contrário da “Colônia Cecília”, “onde tudo se fazia em comum [...] na Comunidade de Guararema prevalecia o sistema anarquista-individualista, ou seja, cada componente tinha sua moradia, cultivava em faixa de terra ou buscava outros meios de sobrevivência individuais”.



O vegetarianismo, ou seja, a ausência da carne (por carne entende-se também peixe, aves e ovos) na dieta habitual da maioria dos habitantes da Terra, é antiquíssima norma de vida, recomendada pelas mais seguidas religiões e correntes filosóficas. *Buda, Lao Tsé, Pitágoras, Platão, Diógenes, Sócrates, Epícteto, Epicuro, Ovídio, Plutarco, Tertuliano, São João, Crisóstomo, São Clemente de Alexandria, Leonardo da Vinci, São Francisco de Assis, Cervantes, Spinoza, Descartes, Darwin, Voltaire, Rousseau, Tolstói, Elisée Réclus, Ruskin, Lázaro Luíz Zamenhof, Thoreau, Albert Schweitzer, Albert Einstein, Jean Rostand G. Bernard Shaw, Han Ryner, E. Armand, Maria Lacerda de Moura, Annie Besant, Leadbeater, Krishnamúrti, José Oiticica, Alex Carrel etc., etc.*, tantos dos mais notáveis homens de todos os tempos, foram ou são vegetarianos. Entre os cristãos, contam-se, além de outros, os Adventistas do Sétimo Dia, que desenvolvem em todo mundo fecunda atividade a favor do vegetarianismo, e as ordens monásticas católicas Trapistas, Cartuxos e Cameldulenses. (NEVES, 1980, p. 214)

Roberto das Neves, também vegetariano, demonstrou nesta obra a relação do vegetarianismo com as práticas libertárias e a busca por uma vida no campo ligada às comunidades libertárias agrícolas, grupos que procuravam afastar-se dos centros urbanos e praticar uma produção de alimentos autossustentável, além de afastar-se das guerras e da industrialização. Se o veganismo é recente na história das relações interespecies, o mesmo não podemos dizer do vegetarianismo como vimos na citação acima.

Em sua obra *A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina*, Carol Adams (2012) identifica mulheres vegetarianas ligadas às reivindicações feministas. Segundo ela, no século XIX muitas mulheres tornaram-se vegetarianas e escreveram sobre a necessária libertação delas mesmas e das outras espécies. Mulheres como: Agnes Ryan (1878–1954 – EUA); Annie Wood Besant (1847, Inglaterra – 1933, Índia); Clara Barton (1821-1912 – EUA); Elizabeth Cady Stanton (1815-1902 – EUA); Lou Andreas-Salomé (1861, Rússia – 1937, Alemanha) e Matilda Joslyn Gage (1826-1898 – EUA) foram precursoras da alimentação sem carne e da luta contra o uso de animais na ciência e na indústria, sobretudo na luta antiviviseccionista.

Ao ler a obra de Maria Lacerda ([1931] 2020; 1932), é possível analisar a sua visão sobre o uso dos animais na ciência e na indústria. Nessa obra ela critica o modelo de apropriação do conhecimento tecnológico e científico pelo capitalismo, principalmente por favorecer o enriquecimento de poucos em detrimento de uma multidão operária mal remunerada. Seguindo a perspectiva anarquista ela percebe a tecnologia e a ciência como potencialmente emancipadoras, porém, apegadas ao modelo capitalista, que sacrifica a vida em nome do progresso social, político e econômico de uma minoria da elite política e da



aristocracia industrial e ruralista. A relação entre a opressão sexista e especista na literatura feminista libertária, transitou por diferentes abordagens e de variadas formas: crítica à ciência e à vivissecção, crítica à indústria da carne, à instrumentalização dos corpos humanos e não-humanos e consequente adoção de uma alimentação vegetariana.

Carol Adams (2012) diz que as mulheres do século XIX viam no vegetarianismo uma libertação da labuta da cozinha, da servidão aos homens e da crença cega no poderio dos médicos, que recomendavam dieta carnista. A crítica à medicina e à ciência tomam forma nos escritos das mulheres desde as sufragistas até as feministas libertárias. Para a autora os textos vegetarianos-feministas são o referencial ausente da crítica e da história feminista. Ela argumenta a favor da urgência em revisitar os escritos e relacionar os processos de libertação abraçados pelas autoras entre final do século XIX e início do século XX. Diz ainda que é possível encontrar inúmeras feministas que escreveram sobre o tópico. Carol Adams (2012) sugere revisitarmos os escritos de libertação de autoras do período entre o final do século XIX e o início do século XX, e diz, que é possível encontrar muitas escritoras feministas, libertárias, sufragistas e abolicionistas que publicaram textos importantes sobre o assunto.

A ligação entre a naturalização dos experimentos e a mutilação de animais não humanos, a tortura e a anulação do corpo feminino pelo poder biomédico, são evidências apontadas pelas feministas que mostraram que, desde a era vitoriana, essas práticas formam uma rede de conexões de corpos submetidos aos usos científicos em benefício do capitalismo. A vivissecção, que é a prática de dissecar o animal vivo, com fins de estudo ou mesmo para testes na indústria, virou preocupação entre mulheres e direcionou seus olhares para as outras espécies, até então vistas de forma meramente instrumental e funcional. Era um enorme coro de antivivisseccionistas pensando e contestando a cruel exploração das outras espécies.

Maria Lacerda também assumiu posições contrárias à utilização de animais em experimentos aderindo, dessa forma, à luta antivivisseccionista. Essa posição ficou explícita em três capítulos publicados na obra *Civilização Tronco de Escravos* escritos, possivelmente em 1928, por ocasião da visita ao Brasil do médico fisiologista Serge Voronoff, que veio realizar conferência nas Jornadas Médicas do Rio de Janeiro.

Serge Samuel Voronoff (1866-1951) nasceu na Rússia e foi naturalizado francês, onde desenvolveu sua carreira de médico, especializado em fisiologia, ele foi professor do *Collège de France* (LESSA, 2020). Segundo Ethel Cupers Schmid e Tarcício Campos (2007, p. 739), Voronoff tornou-se um cirurgião mundialmente famoso “ao fazer enxertos e experiências glandulares para melhoria de raças de ovinos e equinos”. Ele defendia que “animais velhos



transplantados com testículos de animais mais jovens recuperavam o vigor perdido”. A partir das experiências com esses animais, ele desenvolveu uma técnica de xenotransplante, pela qual implantava glândulas sexuais de macacos em homens, aos quais prometia o rejuvenescimento e a restauração física e intelectual. Conforme Cuperschmid e Campos (2007, p.743) “Acompanhando a medicina eugênica em voga nas décadas de 1920 e 1930, o cientista pretendia rejuvenescer organismos humanos com o transplante de glândulas de chimpanzés e babuínos, os quais foram elevados, assim, ao grau de espécies fraternas ao gênero humano”. Os autores informam que, entre 1920 e 1940, a técnica de Voronoff foi utilizada por mais de 45 cirurgiões de vários países, sendo realizados cerca de dois mil xenotransplantes entre primatas não-humanos e humanos; somente na França nos anos 1930 mais de quinhentos homens foram operados. Voronoff também realizou experimentos para transplantar ovários de macacas em mulheres, com a falsa promessa de reduzir os efeitos da menopausa.

A vinda do famoso médico ao Brasil ganhou os noticiários e ocupou por muito tempo o imaginário popular, pois, devido à sua técnica, ele inspirou piadas e marchinhas de carnaval, sendo lembrado, por muito tempo sempre que surgia algum avanço na área médica. Justamente, por meio do “trabalho científico” de Voronoff, Maria Lacerda empreende uma crítica à ciência a serviço do capital e à sociedade, autoproclamada, civilizada. Por um lado, pela busca de milagres para prolongar a vida e a juventude, após esbanjá-la em “gozos materiais”; por outro, pelos meios utilizados para tal, ou seja, a técnica de xenotransplante que consistia em roubar os testículos dos macacos para um suposto benefício para os homens. Sobre o tema ela perguntou:

[...] E vamos buscar, nas florestas, um ser livre e feliz, vivendo em harmonia com as suas necessidades naturais e o inutilizamos ou matamos, roubamos a sua vitalidade ou reduzimo-la á metade – para resucitar a cadaveres ambulantes, para estimular a senilidades imprestáveis, cujo corpo envelhecido precocemente, talvez em orgias e libertinagens, póde dar vida a filhos predispostos á mesma degradação moral [...]. É justo que o libertino, o luético, o alcoolatra, o cocainomano, o jogador, o farrista, os “tigres” políticos profissionaes e senis, banqueiros e escroques elegantes, altos funcionarios, senadores e magistrados, intelectuais prostituidos e domesticados, juizes das consciencias alheias... é justo que toda essa massa humana de parasitas e exploradores do rebanho social vá buscar, nas florestas, o animal pujante de seiva de vida – em virtude de sua sobriedade instintiva – e o prenda em ambiente incompativel com a sua liberdade, com os seus hábitos selvagens e o mutila – para rejuvenecer a criaturas de si mesma mutiladas pela vulgaridade ociosa e parasita, pela imbecilidade quintessenciada de prejuizos e rotina, pela baixeza e servilismo, pelo autoritarismo, pelo orgulho da inconciencia de si mesmos? (MOURA, [1931] 2020, p. 25, 47)



Não seria sem resistência que as práticas de tortura sobre as outras espécies iriam persistir. As feministas estavam dispostas a derrubar os cativeiros, fossem eles humanos ou não humanos. Um exemplo disso é um memorial contra o sofrimento dos animais nos laboratórios de ciências, nomeado, o pequeno cão marrom, inaugurado em 15 de setembro de 1906, em Londres, Inglaterra. A estátua tinha uma placa onde se lia: “Em memória do cão terrier marrom levado a morte nos laboratórios da University College, em fevereiro de 1903, depois de ter suportado vivisseções por mais de dois meses”⁶. A prática de realizar experimentações com animais não humanos virou uma febre. Algumas espécies, consideradas biologicamente próximas da humana, foram massacradas, caçadas, presas e torturadas em experimentações que duravam meses.

Segundo Cuperschmid e Campos (2007, p. 745), “na década de 1920, foram criados entrepostos comerciais na África Ocidental francesa para armazenar os animais e garantir sua oferta na França”. Muitos cientistas tinham seu próprio espaço para estocar e cuidar de seus macacos. Voronoff comprava pessoas não humanas para servir de cobaia em seu empreendimento médico-cirúrgico, as mesmas eram capturadas em territórios da África equatorial, que hoje integram os atuais Congo, Sudão, Guiné e Camarões, além de Gibraltar. As experiências de Voronoff foram interrompidas em razão das pressões da comunidade científica e dos insucessos das suas cirurgias. Para Maria Lacerda, Voronoff representou uma época. Ele nada descobriu e pouco contribuiu para o estudo das secreções glandulares, mas vulgarizou a questão “trazendo-a para o domínio público no sentido de industrializar um assunto de laboratório”. De fato, Voronoff que já era rico, aumentou sua fortuna com sua técnica que prometia vitalidade e o fim da impotência sexual masculina. Sobre as práticas de vivisseção, amplamente utilizadas naquele início de século como já dito, ela escreveu:

[...] não compreendo a vivisseção a não ser como um delírio de perversidade inominável, nem chego a ver a vantagem da embriaguez científica que põe milhares de cobaias e cães e qualquer espécie de animal à mercê dos cientistas [...] vaidosos de fazer sofrer os “mártires da ciência” em nome de um princípio ou de uma descoberta ou de uma pesquisa ou dos problemáticos benefícios daí resultantes para todo o gênero humano [...]. O homem continuará a descer sempre, bem para baixo de todos os símios, na sua maldade de criatura civilizada, para estimular todas as virulências, desde as guerras até o prazer satânico de martirizar os animais em nome do humanitarismo cínico. [...] A humanidade pode progredir sem a fisiologia, porém, não poderá progredir sem a piedade. (MOURA, [1931] 2020, p. 32-33)

⁶ Sobre a estátua em memória do cão terrier marrom ver em: <https://www.magnusmundi.com/pequeno-cao-marrom-memorial-contr-o-sofrimento-dos-animais/>.



Ela argumentava que a ciência, submetida aos interesses capitalistas, “ocupa em nosso tempo exatamente o mesmo lugar que o sacerdócio havia ocupado há alguns séculos. [...] escondidos nos títulos, as mesmas castas nas ciências, academias, universidades, congressos” (MOURA, [1931] 2020, p. 32-33). Ela sugeriu algumas possíveis formas de resistência contra esta situação, como a recusa, por parte da classe trabalhadora, de servir ao sistema, pois, segundo ela: “seria preferível que o trabalhador se auto amputasse as duas mãos do que optasse por trabalhar em arsenais de guerra, hidroaviões e metralhadoras, navios de guerra e torpedos” (MOURA, [1931] 2020, p. 16). Nessa fase da sua obra, certamente impactada pelos horrores da primeira grande guerra e em luta contra o avanço do fascismo⁷, ela se dedicou a escrever sobre a indústria armamentista, um dos pilares da carnificina e dos testes com animais. A autora era pacifista, em seus escritos aponta a recusa ao uso de armas e império da guerra e da competitividade.

Maria Lacerda de Moura foi uma das vozes da resistência pela positividade da vida. Tanto na frente de batalha contra a guerra quanto em oposição à crueldade perpetrada pela industrialização contra humanos e pessoas não humanas usados como cobaias. Uma das críticas anarquistas desenvolvida pela autora, foi com relação à ciência moderna em seu posicionamento entre a vida e a produção em escala industrial pois, quando a ciência supervaloriza a razão instrumental, tende a afastar-se da pluralidade da vida para moldar a realidade de acordo com uma imagem abstrata, idealizada e romantizada. A dominação, por ela chamada de “dominismo” estava no centro da discussão. Para ela a viviseção era um atraso no aperfeiçoamento humano. Escreveu sobre o tema:

Não é sentimentalismo piegas e sim pan-humanismo o que lemos em “Atlantida” de 21 de Outubro de 1927, a propósito da viviseção: Da perpetração de atos moraes máus não pódem resultar beneficios, de maneira alguma para a humanidade. A crueldade nunca poderá ser um caminho para o aperfeiçoamento humano. A ciencia não se adquire com a crueldade. E muito menos a sabedoria, acima de qualquer especie de violencia. [...] Extirpar uma glandula sexual do macaco, nada representa para o homem, mas, extirpar um testículo do homem é algo de muito importante na sua integralidade... Quanto a viviseção, o proprio Claude Bernard, o experimentador “primus inter pares”, que massacrou, brutalmente, os dois mil cães e que, sem anestesia, os matou lentamente, o barbaro que, para atender aos protestos da sua vizinhança, cortava antes das experiencias, as cordas vocaes dos animaes, a fim de que não uivassem de dôr, o proprio Claude Bernard diz: “A viviseção é a deslocação do organismo vivo por meio de instrumentos e de processos que lhe podem isolar diferentes partes. Reduzida

⁷ Sobre essa fase da obra de Maria Lacerda consultar Leite (1984), Maia e Lessa (2015) e/ou Lessa (2020).



a si mesma, ela só teria alcance restrito, e poderia em certos casos, induzir-nos a erros sobre o verdadeiro papel dos órgãos. Por essas reservas eu não nego a utilidade nem mesmo a necessidade absoluta da viviseção no estudo dos fenomenos da vida, eu a declaro apenas insuficiente. Com efeito, nossos instrumentos de viviseção são tão grosseiros e nossos sentidos, tão imperfeitos que só podemos atingir no organismo as partes grosseiras e complexas. Não obstante, a mania da viviseção é o orgulho da ciencia moderna, e as vacinas e soros se multiplicam para gaudio da terapeutica industrializada e para o martírio dantesco das cobaias e dos simios. Cousa a mais natural do mundo o “homo sapins” roubar do macaco o que seria incapaz de lhe dar, o que dificilmente, excepcionalmente, seria incapaz de dar ao proprio semelhante. E para que? Se o resultado não passa de sugestão ou se limita à absorpção mais ou menos lenta do hormonio da glandula transplantada? Resultado para 3 ou 4 annos, findos os quaes, outra enxertia é necessária para novo rejuvenescimento. (MOURA, [1931] 2020, p. 33-35)

Uma das críticas anarquistas à ciência moderna foi com relação à contradição entre a ciência e a vida, escancarada na ampla utilização da viviseção, diz a anarquista: “a ciência do vampirismo humano esgotado por senilidade precoce que suga as glândulas de animais” (MOURA, [1931] 2020, p. 34). A ideia de civilização, nos livros da autora que analisamos, implicava apontar as contradições entre a capacidade de pensar e de sentir e o abismo entre as pessoas humanas e as outras espécies exploradas pela ciência e pela indústria, cujo discurso central era a promessa de progresso civilizatório.

Em Maria Lacerda encontramos uma escrita marcada pela positividade da relação humanidade-animalidade em época muito anterior ao início das discussões animalistas, veganas ou ecofeministas. Ela foi antecipadora de importantes temas da história das mulheres e das lutas feministas, como já demonstram os estudos sobre sua obra, ela foi também uma visionária ao expectar relações de exploração dos humanos sobre as outras espécies (LESSA, 2020). Ela buscou novos campos para pensar e agir além de uma nova forma de fazer ciência, através das artes e das relações com os animais. As narrativas do passado iluminam e constroem histórias das relações interespecies. Os textos libertários de Maria Lacerda de Moura são narrativas de resistências feministas, repletos de deslocamentos e ressignificações, escritos em um momento de profunda transformação socioeconômica e cultural. Seus textos estavam em diálogo com um pensamento anarquista internacional que questionava a ideia de progresso prometido no processo de constituição e difusão massificada da ciência e da tecnologia.

A ciência e a tecnologia teriam utilidade e proporcionariam bem-estar social, em uma sociedade utópica, onde a propriedade coletiva dos meios de produção e a emancipação feminina prevalecessem. Lugar onde a aglomeração das cidades, consideradas um *locus* para



a aplicação da ciência e da tecnologia, fosse adequada para uma integração orgânica com a natureza através da valorização do trabalho rural e coletivo. Eis uma das propostas de Maria Lacerda de Moura, proposta essa que também antecipa algumas das lutas ecológicas e ecofeministas⁸ que surgiram muitas décadas depois.

Pachamama está em chamas e os sinais da catástrofe já foram denunciadas por ecofeministas, ambientalistas e ecologistas. A pandemia e todas as outras doenças criadas nos grandes cativeiros de dólar e de sangue da indústria da carne são consequências da exploração capitalista e patriarcal. Os “estômagos civilizados”, como dizia Maria Lacerda de Moura, são os estômagos que ardem pelo peso de uma alimentação industrial, regada à veneno, com o dissabor dos transgênicos, dos alimentos ultra processados e, sobretudo, com o peso da carne de outra pessoa, que como nós, humanidade, nasceu para viver livremente.

O respeito às pessoas não humanas pode ser o início de uma transformação na vida planetária, na relação humanidade-animalidade-plantas, para avançarmos em direção aos modos de existência mais afetivos e criativos. A empatia e o amor interespecie significa pensar que as outras formas de vidas importam, que nos modificam e que criam novas formas de convívio. Lutemos pela libertação humana, não humana e planetária como queria Maria Lacerda de Moura!

REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol. *A política sexual da carne: a relação entre carnivorismo e a dominância masculina*. Tradução: Cristina Cupertino. São Paulo: Alaúde, 2012.

DOMINICK, Brian A. *Veganarquismo: libertação animal e revolução social*. 2. ed. Ponta Grossa, PR: Editora Monstro dos Mares, 2019.

CUPERSCHMID, Ethel Mizrahy; CAMPOS, Tarcisio Passos Ribeiro de. Os curiosos xenoinplantes glandulares do doutor Voronoff. *História, Ciências, Saúde*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 737-760, jul./set. 2007.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. *Outra face do feminismo: Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Ática, 1984.

LESSA, Patrícia. *Amor & Libertação em Maria Lacerda de Moura*. São Paulo: Entremares, 2020.

⁸ O ecofeminismo é uma prática social que interseccionaliza as questões ecológicas ao pensamento, teorização e ação feminista. Existem muitas vertentes e teorias, neste texto trabalhamos com o pensamento ecofeminista na vertente de Carol Adams (2012).



LESSA, Patrícia. *O resgate do Touro Vermelho*. Belo Horizonte: Luas, 2021.

LIMA, Roberta Oliveira; JESUS, Júlio César Moreira; COELHO, Pedro Filippi. especismo como injustiça ambiental. In: MOREIRA, Ana Selma. *Eu sou animal: uma revolução social em busca do Antiespecismo*. Joinville, SC: Manuscritos, 2019. p. 341-360.

LUEDY, Laura. Mercadoria e signo: notas sobre o abate industrial no Brasil hoje e alguns de seus marcadores expressivos. In: LESSA, Patrícia; STUBS, Roberta; BELLINI, Marta. *Relações interseccionais em rede: feminismos, veganismos, animalismos*. Salvador: Devires, 2019. p. 68-94.

MAIA, Claudia; LESSA, Patrícia. Maria Lacerda de Moura: crítica à família burguesa e à exploração feminina. In: MAIA, Claudia; PUGA, Vera. *História das Mulheres e do Gênero em Minas Gerais*. Ilha de Santa Catarina: Mulheres, 2015. p. 97-121.

MICHAELIS ONLINE. *Pessoa*. (Verbetes). Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=pessoa>. Acesso em: set. 2021.

MOURA, Maria Lacerda. *Amai e ... não vos multipliqueis*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1932.

MOURA, Maria Lacerda [1931]. *Civilização, tronco de escravos*. São Paulo: Entremares, 2020.

NEVES, Roberto das. *Entre colunas*. Rio de Janeiro: Gerninal, 1980. OLHAR ANIMAL. Fanny Bernard: uma voz antivivisseccionista no século XIX. Disponível em: <https://olharanimal.org/fanny-bernard-uma-voz-antivivisseccionista-no-seculo-xix/>. Acesso em: 11 nov. 2019.

OLIVEIRA, Fabio A. G. O lugar do cuidado na construção de um veganismo crítico-interseccional. In: OLIVEIRA, Fabio A. G.; DIAS, Maria Clara. *Ética animal: um novo tempo*. Rio de Janeiro: Ape'ku, 2019. p. 27-50.

RAGO, Margareth. *Entre a história e a liberdade: Luce Fabbri e o anarquismo contemporâneo*. São Paulo: Ed. da UNESP, 2001.

RIBEIRO, Kiune Bezerra. Lutas da terra, libertação animal e humana: o caso do MST e a possibilidade de uma vida mais justa para animais humanos e não humanos. In: MOTA, Ana Gabriela; SANTOS, Kauan William dos. *Libertação animal, libertação humana: veganismo, política e conexões no Brasil*. Juiz de Fora, MG: Garcia, 2020. (Antar – Poder Popular Antiespecista; FeminiVegan – Coletivo Feminista Vegano Abolicionista Anticapitalista). p. 21-28.

RODRIGUES, Edgar. *Os Libertários*. Rio de Janeiro: VJR Editores Associados, 1993.

SMUTS, Barbara. Reflexões. In: COETZEE, J. M. *A vida dos animais*. Tradução: José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das letras, 2002. p. 128-145.

TOKARCZUK, Olga. *Sobre os ossos dos mortos*. Tradução: Olga Baginska-Shinzato. São Paulo: Todavia, 2019.



WALLACE, Rob. *Pandemia e agronegócio: doenças infecciosas, capitalismo e ciência*.
Tradução: Allan Rodrigo de Campos Silva. São Paulo: Elefante, 2020.

Recebido em: 26 de setembro de 2022

Aceito em: 15 de dezembro de 2022